

Título: *Palimpsestos Marginais: a narrativa da crítica, do deboche e da resistência nas páginas de cultura do Diário Mercantil*¹

Autor: Christina Ferraz Musse²

Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Resumo: A trajetória da imprensa coincide com o projeto de ordem e progresso da burguesia. Somente em meados do século passado, vozes dissonantes dão origem a outras narrativas, até então colocadas à margem do discurso oficial. Elas antecipam uma nova (des)ordem mundial, em que a complexidade e a incerteza substituem os rígidos referenciais do homem moderno. Neste trabalho, investiga-se como um grupo de estudantes e intelectuais ligados ao Partido Comunista Brasileiro luta pela hegemonia política, apropriando-se do suplemento de arte e literatura de um tradicional jornal mineiro da cidade de Juiz de Fora. Através da imprensa, é a cidade que se revela em seus paradoxos, no embate entre “oficiais” e “marginais”. A cultura é, neste momento, a peça de resistência à ditadura militar, e o jornal, por sua vez, é o lugar de crítica e reflexão sobre o espaço público.

Palavras-chave: história da imprensa; cultura; espaço público; memória; política.

A cultura como trincheira identitária

Durante os idos de 1968, vários dos colaboradores do suplemento *Arte e Literatura* do *Diário Mercantil*³ estabeleceram uma intensa, curiosa e instigante reflexão sobre a cultura juizforana e, como consequência, sobre a cidade de Juiz de Fora. Exatamente nesse período, acirrou-se o debate sobre a “identidade” da cidade, sua raiz, sua origem. Um grupo de colaboradores do suplemento, todos jovens estudantes e ligados de alguma forma ao núcleo do PCB, em Juiz de Fora, resolvem fazer um movimento de crítica ao que eles consideravam a “cultura oficial” da cidade. É criado, então, o “Movimento Marginal”, que ocupa de forma polêmica as páginas do *Diário Mercantil* e resulta, no segundo semestre de 1968, na série que ficou conhecida como *Palimpsestos Marginais*, no total de seis, publicados no período que vai de setembro a novembro. Através do resgate desses textos, pretendemos não só traçar um cenário deste momento efervescente da cultura e do jornalismo em Juiz de Fora, mas procurar entender de que forma o suplemento *Arte e Literatura* do jornal atuou como uma trincheira de resistência cultural, na crítica passagem dos anos 60 para os 70, ao dar visibilidade para algumas das questões que mudaram o comportamento da juventude, e a forma de fazer arte, num país periférico.

¹ Trabalho apresentado ao NP - Jornalismo, no VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Professora do Departamento de Televisão e Rádio da UFJF; doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ; coordenadora do IV Curso de Treinamento em Jornalismo, realizado entre a UFJF e as Organizações Panorama de Comunicação; coordenadora do projeto de extensão *Divulgação Estratégica das Cooperativas Populares incubadas na Intecoop/UFJF*; assessora de comunicação da UFJF (1994/1998) e da Reitoria da UFJF (1998/2002).

³ O jornal *Diário Mercantil* foi fundado, em Juiz de Fora, em 1912. No ano de 1917, é comprado pelos dois mais expressivos líderes políticos da cidade, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, e João Penido, do Partido Republicano Mineiro. O jornal tem compromisso claro com as classes produtoras, em especial a burguesia emergente. Em 1931, é vendido para o grupo de Assis Chateaubriand, ao qual permanece ligado, até o seu fechamento, em 1983. Em Juiz de Fora, os Diários Associados foram donos ainda de uma emissora de rádio, a *Rádio Sociedade*, prefixo PRB-3, e publicaram, durante muitos anos, um jornal vespertino, de caráter mais popular, o *Diário da Tarde*.

Naquela época, contrários à luta armada, os jovens estudantes ligados ao PCB planejavam ganhar hegemonia, através da ocupação de espaços institucionais importantes. Na verdade, para eles, ocupar um espaço nobre do jornal, tido como referência para a alta burguesia de Juiz de Fora, fazia parte de um projeto de nação, que acabou sepultado, nos anos 70, pela ditadura militar. Na era pré-AI-5, no entanto, ao que tudo indica, o sonho ainda não tinha acabado, como ainda perdurou, apesar de todas as restrições, até meados da década de 70, quando a ditadura militar perseguiu e destruiu os focos de resistência da militância do PCB.

Roberto Schwarz (2001), num texto clássico sobre o período 1964/1969, revela como a produção cultural de esquerda, ao contrário do terror nos sindicatos, na zona rural, nas universidades, na Igreja e nos baixos escalões das Forças Armadas, não foi liquidada nos primeiros anos após o golpe e, até pelo contrário, cresceu. “Apesar da ditadura da direita há relativa hegemonia cultural da esquerda no país” (SCHWARZ, 2001, p. 7). Segundo o autor, nos primeiros momentos do golpe, “torturados e longamente presos” foram somente aqueles que haviam feito contato com operários, camponeses, marinheiros e soldados. Foi possível, então, a circulação teórica ou artística do ideário da esquerda, que floresce em especial no meio estudantil, e só começa de fato a preocupar o regime militar, quando a disposição de luta dessa faixa da população dá início à propaganda armada da revolução.

O regime respondeu, em dezembro de 68, com o endurecimento. Se em 64 fora possível à direita “preservar a produção cultural, pois bastara liquidar o seu contato com a massa operária e camponesa, em 68, quando os estudantes e o público dos melhores filmes, do melhor teatro, da melhor música e dos melhores livros já constituem massa politicamente perigosa, será necessário trocar ou censurar os professores, os encenadores, os escritores, os músicos, os livros, os editores – noutras palavras, será necessário liquidar a própria cultura viva do momento (*ibid.*, p. 9).

Heloísa Buarque de Hollanda (1978), analisando a produção poética no cenário cultural dos anos 60/70, identifica três tendências características ao período: a participação engajada, a explosão anárquica do tropicalismo e seus desdobramentos, e a opção vitalista da produção alternativa. Em Juiz de Fora, é o engajamento populista que caracteriza a intelectualidade disposta a transformar o mundo e, quem sabe?, ainda vir a tomar o poder.

Segundo a autora:

A produção cultural, largamente controlada pela esquerda, estará nesse período pré e pós-64 marcada pelo engajamento. Seja ao nível da produção

populista, seja em relação às vanguardas, os temas de modernização, da democratização, os mitos do nacionalismo e do povo, os projetos de tomada de poder, estarão no centro das discussões, informando e delineando a necessidade de uma arte participante, forjando o mito da possibilidade emancipadora da palavra poética, tomada como palavra poderosa, instrumento de revolução (*ibid.*, p. 14).

A maneira pela qual a intelectualidade juizforana entende a arte está de acordo com o ideal expresso pelo *Anteprojeto do Manifesto do Centro Popular de Cultura*, de 1962, e que define o que seria a “arte popular revolucionária”:

Para nós tudo começa pela essência do povo e entendemos que esta essência só pode ser vivenciada pelo artista quando ele se defronta a fundo com o fato de a posse do poder pela classe dirigente e a conseqüente privação de poder em que se encontra o povo enquanto massa dos governados pelos outros e para os outros. Se não se parte daí não se é nem revolucionário, nem popular, porque revolucionar a sociedade é passar o poder ao povo⁴.

Para Hollanda:

Trata-se, claramente, de uma concepção da arte como instrumento de tomada de poder. Não há lugar aqui para os “artistas de minorias” ou para qualquer produção que não faça uma opção de público em termos do “povo”. A dimensão coletiva é um imperativo e a própria tematização de problemática individual será sistematicamente recusada como politicamente inconseqüente se a ela não se chegar pelo problema social (1978, p. 18).

Nos anos de 67 e 68, observam-se novas tendências no trato da arte. Embora ainda sob a tutela majoritária do engajamento populista, que discute, por exemplo, a “autêntica” música popular brasileira, que deveria permanecer longe da invasão imperialista, do *rock* e das guitarras, algumas vozes dissonantes começam a aparecer. A rigidez doutrinária do PCB começa a perder espaço em diversos setores, já agora, influenciados pelos processos de guerrilha revolucionária latino-americana e os movimentos jovens que pipocam em volta do mundo, discutindo questões como os direitos civis, em Berkeley, nos Estados Unidos, ou a possibilidade de dormir no alojamento da namorada, em Nanterre, na França. Uma nova esquerda, a “esquerda festiva” começa a se delinear e, se no Rio de Janeiro, essa geração foi

⁴ ANTEPROJETO do Manifesto do Centro Popular de Cultura. In: ESTEVAM, Carlos. A questão da cultura popular. p. 83. Apud HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Impressões de viagem – a nova poesia no debate cultural 60/70 *Op. cit.* p. 18.

denomina de “geração Paissandu”, em Juiz de Fora, bem poderia ser batizada de “geração CEC”⁵, curiosamente, espaços ligados à arte cinematográfica.

O Tropicalismo, no momento em que realiza uma crítica à *intelligentzia* de esquerda e começa um namoro com os veículos de massa, é o sintoma mais visível da crise que atinge a política, a arte e a vida em geral. Para Hollanda (1978, p. 52): “O binômio Arte/Sociedade, que marca esse período, começa a dissolver-se para dar lugar ao binômio Arte/Vida que irá se configurar nas tendências seguintes”.

É neste cenário complexo, de engajamento e perplexidade, ação política e viagem psicodélica, que os jovens estudantes e colaboradores do suplemento *Arte de Literatura* do *Diário Mercantil* resolvem sacudir a cidade de Juiz de Fora, lançando o “Movimento Marginal”. A polêmica invadiu várias das edições dominicais, tornando públicas as opiniões que antes ficavam restritas aos grupos de discussão organizados pela militância do PCB. As críticas eram mordazes e não deixavam pedra sobre pedra. Nelas, reconhece-se o discurso político e estético da ideologia, mas também a irreverência e o deboche com que a contracultura vai desnudar os cânones de então, apesar das críticas severas que alguns dos jovens comunistas da época reservavam aos anarquistas e aos tropicalistas.

O grupo de seis autores que foram responsáveis pela polêmica que ocupou o suplemento *Arte e Literatura*, no ano de 68, foi formado por: Rogério Bitarelli Medeiros⁶, José Paulo Netto⁷, Gilvan Procópio Ribeiro⁸, Eugênio Malta⁹, José Cláudio Botelho¹⁰ e Nilo Batista¹¹. Todos eles, ao recordar o período, são unânimes em destacar a importância de João Guimarães Vieira, o Guima¹², editor do suplemento, como a pessoa que garantiu o espaço para que eles pudessem trabalhar.

Marginas X Oficiais

As origens do *Movimento Marginal* podem ser localizadas em janeiro de 1968, num texto publicado por José Paulo Netto, em que ele faz um balanço das atividades de cultura, no ano de 1967, em Juiz de Fora. Neste texto fundador, ele afirma que, na cidade, existem duas “culturas”: a cultura oficial e a cultura marginal. O que caracterizaria a cultura oficial? “Sua

⁵ O CEC – Centro de Estudos Cinematográficos – criado em Juiz de Fora, no final de década de 50, foi um espaço fundamental para a formação de intelectuais e militantes, no correr dos anos 60, quando o Centro de celebrizou por organizar na cidade dois importantes festivais de cinema.

⁶ Rogério Bitarelli Medeiros é professor da Escola de Belas Artes da UFRJ, onde coordena o Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais.

⁷ José Paulo Netto é hoje professor da Faculdade de Serviço Social da UFRJ, onde exerce o cargo de vice-diretor.

⁸ Gilvan Procópio Ribeiro é hoje professor da Faculdade de Letras da UFJF.

⁹ Eugênio Malta é artista plástico, poeta e músico, e mora nos Estados Unidos.

¹⁰ José Cláudio Botelho formou-se em Letras, pela UFJF, mas hoje atua como corretor de imóveis em Juiz de Fora.

¹¹ Nilo Batista é hoje professor universitário e dono de um famoso escritório de advocacia criminal, no Rio de Janeiro, estado onde foi secretário de segurança pública e vice-governador de Leonel Brizola.

¹² Guima faleceu, no Rio de Janeiro, em 28 de maio de 1996.

sagrada ignorância sobre o que ocorre no mundo; sua alienação do processo social que se desenrola na comunidade; sua aristocrática concepção de cultura; sua autoglorificação, pondo-se como infensa às críticas de baixo etc.”¹³ E a cultura “marginal”?

Ela é, pelo seu caráter mesmo, ainda não enrijecido por dogmas ou interesses, aparentemente desconexa. Não tem líderes, nem salas de reuniões, nem verbas. Não oferece coquetéis à imprensa. Não tem órgãos de divulgação – somente agora alguns de seus componentes colaboram neste suplemento, graças à atividade de Nilo Batista, e à acolhida simpática de Guimarães Vieira e dos Diários Associados. Seus membros são jovens, não andam engratados, não possuem bons empregos¹⁴.

A pena ácida de José P. Netto não poupa ninguém, especialmente os poetas da terra que, segundo ele, em sua maioria, se dedicam às trovas¹⁵. No mesmo suplemento, é publicada uma carta de Nilo Batista, que exorta os marginais à mobilização: “Marginais-radicais de toda Juiz de Fora, unamo-nos!”¹⁶. Inicialmente, preocupados em discutir uma política pública de cultura para a administração municipal de Juiz de Fora, os “marginais” vão sacudir ainda mais o setor, na cidade, que é governada pelo engenheiro Itamar Franco¹⁷, do MDB, dando início a uma polêmica que vai se estender durante todo o ano de 1968.

Exatamente uma semana depois, no suplemento *Arte e Literatura*, de 11 e 12 de fevereiro de 1968, podemos encontrar, na íntegra, o *Esboço para um manifesto marginal*, de autoria de Nilo Batista e José Paulo Netto. No longo texto, os dois jovens autores fazem uma dura, mas bem-humorada crítica à cidade de Juiz de Fora: “...em 1930, Juiz de Fora vivia a transição do capitalismo industrial, enquanto Mecejana e São Paulo, embora diferentes estruturalmente, ficavam a reboque da então Manchester Mineira. Hoje a situação é inversa, ou quase: São Paulo está à frente, Juiz de Fora na rabada, e Mecejana ainda no Ceará”¹⁸. Essa

¹³ NETTO, José Paulo. J.F., 1967: Cultura/Arte em questão. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, 21 e 22 jan. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p. 3.

¹⁴ *Ibid.*, p. 3.

¹⁵ Nesta época, os trovadores de Juiz de Fora, representados pelo Núcleo Mineira de Escritores (NUME), tem uma coluna na p. 3 do *Diário Mercantil*, onde são publicadas trovas. Seguem, aqui, o exemplo de duas: “Parece disco rachado/a minha história de amor/Permanecendo enguiçado/na palavra sofredor”... (Maria de Lourdes Costa); “Neste mar bravo, querida/tão belo quanto traiçoeiro/, o barco de nome vida/vai singrando sem roteiro”. (Monteiro Viana). Jóias da trova. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, p.3, 21 e 22 jan. 1968.

¹⁶ BATISTA, Nilo. Carta a José Paulo. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, 21 e 22 jan. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p. 2.

¹⁷ Itamar Franco foi prefeito de Juiz de Fora, por dois mandatos: 1967/1971 e, depois, 1973/1974, deixando a prefeitura para concorrer ao Senado. Reeito ao Senado em 1982, pelo MDB, partido do qual é um dos fundadores, ele tentou se eleger governador de Minas Gerais, em 1986, concorrendo pelo PL, mas perdeu as eleições. Em 1989, pelo PRN, foi vice na chapa de Fernando Collor. Em dezembro de 1992, devido ao processo de *impeachment* que atingiu Collor, Itamar foi formalmente aclamado presidente do Brasil, cargo que deixou em janeiro de 1995. No período de 1999 a 2002, foi governador de Minas Gerais. Na vida pública, ele ainda ocupou os cargos de embaixador do Brasil em Portugal, na OEA – Estados Unidos –, e na Itália.

¹⁸ NETTO, José Paulo, BATISTA, Nilo. *Esboço para um manifesto marginal*. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.426, 11 e 12 fev. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p. 3.

coexistência do que os autores chamam de diversos estágios históricos de desenvolvimento também é observada na cidade de Juiz de Fora, em que, em termos culturais, opõem-se “oficiais” e “marginais”. Nos anos de 1966 e 1967, vários fatores levaram a um acirramento dessas diferenças, entre eles, a publicação continuada dos trabalhos dos “marginais”, o reconhecimento do mérito deles em outros centros e a diminuição do apoio dos órgãos oficiais às suas iniciativas. A partir de então, José Paulo Netto e Nilo Batista decidiram lançar o *Esboço para um Manifesto Marginal*, reproduzido aqui em parte:

§ 1º - Alguns conceitos básicos [...]

§ 2º - Até hoje, a história da intelectualidade juizforana tem sido, salvo poucas exceções, a história de diletantes revestidos de galardões pretensamente culturais. A conformação desta história será objeto de próximos estudos “marginais”.

§ 3º - Isenta das mazelas da erudição, do diletantismo, da alienação (Alienação é um conceito fundamental do Sr. Hegel, um complicado filósofo alemão. Talvez valha a pena estudá-lo.) que caracteriza a “cultura oficial”, a marginalidade propõe-se estabelecer uma prática artística em Juiz de Fora. Para tanto, resguarda-se inteira liberdade de criação, de experimentação (não admitida como justificção de erros) e de crítica.

§ 4º - Todo o drama da marginalidade reside no fato de que ela não possui uma tradição cultural local passível de ser tomada como termo primeiro. Isto acarreta a insofismável necessidade de partir do nada (voltamos a repetir que as exceções serão estudadas proximamente). Esta falta de referências poderá levar os “marginais” a erros, mas que serão certamente menores que os dos falsos marcos¹⁹.

Em seguida, Netto e Batista mostram a relação entre os “marginais” e os órgãos oficiais, fazendo a crítica à Universidade que, segundo eles, não tem uma política cultural e também é vítima da burocracia e de um excesso de erudição:

I) OS “MARGINAIS” E A UNIVERSIDADE

Inegável é que a UFJF prestou serviço à arte genuína. Entretanto, não menos inegável é que tais empreendimentos apresentam-se como verdadeiramente irrisórios se tomados em relação ao que uma instituição oficialmente zeladora da cultura teria obrigatoriamente que realizar. De fato, a UFJF promove cultura e arte; mas o que promove não condiz com a noção primária de “universidade”. Uma universidade não faz favor nenhum a ninguém promovendo cultura e arte com vistas à comunidade. É sua obrigação. Universidade não é uma mecânica reunião de esparsas unidades de ensino dito superior. É muito mais que isso: é a preparação de indivíduos capazes de resolver problemas propostos pela região em que se insere²⁰.

¹⁹ *Ibid.*, p. 3.

²⁰ *Ibid.*, p.3.

A Prefeitura é também alvo dos “marginais”, já que eles cobram do Executivo o cumprimento das promessas eleitorais e a valorização da cultura, deixada em segundo plano, quando comparada às obras de infra-estrutura, como a iluminação pública.

II) OS “MARGINAIS” E O PAÇO MUNICIPAL

[...] Não vemos porque essas questões possam ser relegadas a um segundo plano, como se, por exemplo, fossem mais escuras as ruas locais que os complicadíssimos meandros de uma intelligentzia em formação, refletidora (ou possível refletidora) da cidade bem iluminada.

Os “marginais”, acreditamos que não há instâncias privilegiadas; e que a educação primária fatalmente permanecerá primária se não for envolvida na crosta superior de uma sólida e dinâmica cultura.

Discordamos da prevalência que os outros problemas merecem, no tratamento da arte, como a Prefeitura vem fazendo²¹.

Os meios de comunicação “oficiais” não contribuem efetivamente para a divulgação da cultura, segundo os “marginais”, o que poderá exigir a busca de formas alternativas para se atingir os objetivos propostos :

III) OS “MARGINAIS” E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Juiz de Fora possui três emissoras de rádio, uma TV, 3 jornais diários de razoável circulação, uma revista mensal. Diretamente, os “marginais” têm acesso a apenas um destes veículos. E há uma acentuada tendência de se catalogar toda manifestação ou tentativa “marginal” como “petulância”, “imaturidade” ou “estudantada”. O fato é que, na verdade, os veículos apresentam-se paupérrimos como contribuintes para uma simples tinta cultural.

Os “marginais” propõem que se revele alta e claramente a miséria total destes veículos. E mais: na aparente impossibilidade, ditada pela orientação “oficial” de sua maioria, de transformá-los, os “marginais” hão de apelar para todos os meios de difusão de suas idéias: de seminários em sindicatos e associações de bairros a explanações em praça pública²².

Para Nilo Batista, em tais circunstâncias, não caberia esperar uma atitude consciente do público em relação à arte. Urge, então, a criação dos “espetáculos de esclarecimento”, que cumpririam a função de despertar a consciência social, habilitando o público a participar ativa e criticamente da atividade artística. E, dentro da sua concepção, este tipo de espetáculo se destinaria prioritariamente aos operários:

²¹ NETTO, José Paulo, BATISTA, Nilo. *Op. cit.*, p.3.

²² *Ibid.*, p. 3.

A pequena-burguesia esclarecida já se definiu amplamente pela cultura “marginal”, e a porção que ainda não se definiu é constituída por duas espécies: os que podem ser atingidos e mudar suas concepções, e os que estão irremediavelmente comprometidos com a cultura “oficial”, e tombarão juntamente com ela (de resto, são apenas “oficiais” que não aprenderam direito a bater um decassílabo nos dedos, pequenos perigos latentes de um novo “oficial” em campo).

Para o esclarecimento da pequena-burguesia ainda hesitante, temos a imprensa, e as manifestações “marginais” de grupos evoluídos.

Mas, no caso dos operários, impõe-se a ida até os bairros e subúrbios, impõe-se o espetáculo de esclarecimento²³.

Depois das primeiras polêmicas provocadas pelo lançamento do *Movimento Marginal*, idealizado mais diretamente por José Paulo Netto e Nilo Batista, e na impossibilidade de se realizar uma verdadeira “profilaxia cultural” em Juiz de Fora, há uma correção de rumo, e também uma diluição do papel de ambos frente ao movimento. Na verdade, as propostas de realização dos “espetáculos de esclarecimento”, que levariam cultura aos operários, através de apresentações em bairros periféricos, e da “campanha de educação artística”, que teria como primeira etapa a condenação de “todo e qualquer diletantismo/charlatanismo feito em nome da arte”²⁴ foram consideradas precipitadas pelos companheiros de José P. Netto e Nilo Batista, sendo então considerada necessária uma mudança de orientação. Uma das argumentações utilizadas pelos simpatizantes do *Movimento Marginal* foi a de que não haveria necessidade de uma condenação pública da arte oficial, porque ela já estaria “morta e enterrada” e o que seria necessário, a partir desta constatação, era de que “precisávamos ganhar, inicialmente, o público constituído pela classe média, que abandonou as salas de espetáculos”²⁵. O resultado foi investir, ainda mais, no espaço do jornal

Palimpsestos: a tentativa de reescrever a cidade

A idéia da criação dos *Palimpsestos Marginais* foi de Nilo Batista que, em 1968, estudava teatro, no Rio de Janeiro.

Nós estamos tomando um *chopp* ali no Amarelinho e o Nilo: “E se a gente parar de fazer crítica e fizer uma gozação da cidade?”. Eu disse: “Como é que é isso?”. Aí, ele: “Vamos inventar que foram achados palimpsestos no Paraibuna”. Mas o Nilo, evidentemente, não deu continuidade a isso. Eu fui lá, reuni a turma e disse: “Qual é a história? Cada um de nós vai escrever um capítulo, ninguém vai saber o que está escrito, vai saber apenas no dia que sair no jornal, e o outro tem que dar continuidade”. Nesse momento,

²³ BATISTA, Nilo. O espetáculo do esclarecimento – proposição ao I Congresso Marginal. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.442, 3 e 4 mar. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p.3.

²⁴ NETTO, Balancete necessário. *Diário Mercantil*, ano LVII, n. 16.472, 7 e 8 abr. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p.2.

²⁵ BATISTA, Nilo. E agora, José? *Diário Mercantil*, anos LVII, n. 16.477, 14 e 15 abr. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p. 2.

havia um fusuê na Faculdade de Filosofia, uma pressão contra uma professora chamada Maria Andréia Loyola Rios, que, depois, tornou-se uma figura ilustre da Academia. Ela era uma mulher muito progressista e que estava sendo perseguida. Então, os *Palimpsestos* transformavam essas pessoas da vida real em personagens. A Maria Andréia virou o Mário André, que é o herói da história²⁶.

As histórias dos *Palimpsestos Marginais* causaram a maior confusão na cidade, mas nada foi censurado.

Aquilo causou um rebuliço na cidade que você não imagina. Foi muito engraçado, a gente se divertia. A pressão era em cima do Guima [editor do suplemento *Arte e Literatura*], que era cunhado do Renato Dias Filho. O pessoal começou a pressionar o Renato, que era o diretor do *Diário Mercantil*, disse: “Esses meninos são uns malucos”. Ele pressiona o Guima, mas o Guima nos banca. O Guima diz: “Não, esses meninos têm o direito de falar o que quiserem”. Se não fosse João Guimarães Vieira, quero deixar isso claro, nada disso teria ocorrido. Nada. Os *Palimpsestos* foram um momento. O importante da nossa intervenção é que nós colocamos essas questões na rua, numa época em que a Universidade não estava tendo vida cultural, e em que quem fazia cultura, tomava porrada, foi reduzido ao silêncio, perdeu os canais²⁷.

Os *Palimpsestos Marginais*, publicados numa série de seis, de agosto a novembro de 1968, constituem uma paródia da cidade, crítica contundente da oficialidade e da alta cultura de Juiz de Fora. O grupo de seis estudantes e intelectuais que escrevia no suplemento *Arte e Literatura*, do *Diário Mercantil*, sob a batuta do editor e artista plástico Guima, finalmente parecia estar pronto a desconstruir a cidade naquilo que ela tinha de sisudo e oficial. Para tanto, no suplemento dos dias 25 e 26 de agosto de 1968, eles subscrevem o artigo *Pequena introdução à história de Paraiburgo*²⁸, que reproduzimos aqui:

A equipe de “Arte e Literatura”, fazendo uma excursão arqueológica pelas imediações do Campo de Pouso do Serrote, nas férias de 1968, encontrou no subsolo de algumas ruínas lá existentes uma urna contendo diversos rolos de pergaminho, que contam a história de Paraiburgo.

Como o estado dos documentos encontrados na urna não permitia a sua leitura imediata, a equipe se propôs a recompilá-los, dentro das possibilidades. [...]

Cada um dos elementos da equipe usou do máximo de liberdade na recompilação, visto que havia falhas imensas nos documentos originais. [...] É bom notar, ainda, que as únicas informações referentes a Paraiburgo, fora os documentos encontrados, são extremamente reduzidas e se podem resumir no seguinte: Paraiburgo nasceu no dia da mentira, de parto segundo a técnica do dr. Pero Alves Cabraulino. Teve lugar no calendário astrológico

²⁶ Os trechos da fala de José Paulo Netto foram retirados de entrevista realizada pela autora em 2004.

²⁷ Idem.

²⁸ Paraiburgo é uma referência ao rio Paraibuna, que atravessa a cidade de Juiz de Fora.

sob o signo de Áries, no ano cujo milhar no jogo-do-bicho representa o burro.
Sem mais, a história começará a ser publicada no próximo Domingo²⁹.

No domingo seguinte, lá estava o artigo assinado por Rogério Bitarelli Medeiros, sob o título *Roteiro de uma balada fordiana num povoado sem western*, uma sátira à cidade de Juiz de Fora e a seus principais personagens, em especial aqueles que militavam na política e nas artes. Nele, Juiz de Fora ganha ares de uma cidade fantástica, numa mistura de influências que, segundo o autor vêm do surrealismo e do realismo mágico latino-americano, e que tinha afinidade com novas formas de representação e de narração, privilegiando a ruptura, a montagem e a colagem³⁰.

Paraiburgo, aprazível província arborizada por idéias teutônicas, estava em festas comemorativas naquele dia. Falava-se muito na primeira usina hidro-elétrica superada do continente, em discursos inflamados durante a inauguração da remodelagem de velha praça. Alguém lia, através do microfone de uma altiva e patriótica emissora, um documento da Guerra do Paraguai. E a escola de samba Tra-lá-lá desfilou pelas ruas, cantando Michel Levaco³¹.

No domingo seguinte, quem dá continuidade aos *Palimpsestos Marginais* é o colaborador do *Diário Mercantil*, Gilvan Procópio Ribeiro. No seu texto, ambientado na Paraiburgo de 1817, ele relata à Sua Alteza, o Imperador, o resultado da revolta que levou ao estabelecimento de um novo governo, e também as primeiras homenagens ao novo alcaide, Mário André. Ribeiro revela que trabalhou o texto, fazendo uma paráfrase da carta de Pero Vaz de Caminha, como pano de fundo para criticar o governo militar³².

Posto que uma revolta tivesse ocorrido e assim um novo governo estabelecido foram realizadas grandes festas para rememorar condignamente o glorioso fato. Tendo a revolta ocorrido na sexta-feira, na manhã seguinte mui grande desfile acordou os habitantes da cidade. Após a passagem da Escola de Samba Trá-lá-lá³³ desfilaram os Granadeiros Imperiais que impressionaram sobremodo, sendo deles, porém, o único senão nessas primeiras comemorações, visto que uma de suas catapultas se deteve em frente ao palanque do Alcaide por causa de avarias diversas que apresentava. Na ocasião foi muito comentado o estado mui ruim com que se apresentavam as referidas máquinas. O soberbo desfile terminou aí pois o instrumento bélico não mais permitiu a passagem das demais formações da Armada Imperial³⁴.

²⁹ MEDEIROS, Rogério Bitarelli et al. Pequena introdução à história de Paraiburgo. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.589, 25 e 26 ago. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p. 3.

³⁰ Referência às informações da entrevista realizada com Rogério Medeiros, em 22 nov. 2005.

³¹ Referência ao enredo "Mascarada Veneziana", de tradicional escola de samba de Juiz de Fora, que misturou o erudito e o popular, em sua execução. O enredo foi de autoria do jornalista José Carlos de Lery Guimarães.

³² Informação contida na entrevista concedida à autora em 25 nov. 2003.

³³ A Escola de Samba Trá-lá-lá é uma referência à escola de samba Juventude Imperial.

³⁴ RIBEIRO, Gilvan Procópio. Mensagem do cronista mor a sua alteza imperial, em que são relatados os maravilhosos e não previstos fatos que ocorreram na imperial cidade de Paraiburgo. *Palimpsestos Marginais* (II). *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.606, 15 e 16 set. 1968. Suplemento Arte e Literatura. p.2.

O texto escrito por Gilvan P. Ribeiro faz uma crítica velada ao golpe de março de 1964, quando as tropas comandadas pelo general Olympio Mourão Filho saíram de Juiz de Fora, em direção ao Rio de Janeiro, deflagrando o golpe militar. Desde então se tornariam comuns os desfiles do aparato bélico do Exército, no centro da cidade.

No domingo seguinte, os *Palimpsestos Marginais (III)* vêm assinados por José Paulo Netto. Este é um dos melhores exemplos do estilo bem-humorado e crítico de um dos principais colaboradores do suplemento *Arte e Literatura*, e que introduz um personagem impagável e que, até hoje, mais de um quarto de século depois, ainda é presença constante na crônica política brasileira: Cautimar Itec.

13 horas

Cautimar Itec³⁵ voltara de sua lua-de-mel e a 1ª notícia que recebeu ao chegar à Alcaldia (sic) foi a da permanência de Mário André no povoado.

13, 15 horas

Cautimar Itec passou a mão pelo topete, que, àquela altura, já lhe caía sobre a testa. Havia algo por detrás da presença demorada de Mário André no povoado.

Mandou que buscassem seu assessor-direto, Durango Mot³⁶.

13, 25 horas

Durango Mot saía neste momento de uma reunião secreta com os membros da B.A.E.P.E.N.D.I.³⁷, e, disfarçado em bacharel, subia a Rua Henrique³⁸. Eis a explicação de seu disfarce: cioso de seu prestígio, Durango Mot ocultava suas relações com aquela organização de extrema-direita³⁹.

Eugênio Malta é o responsável pelo texto da quarta versão dos *Palimpsestos Marginais*, em que ele dá seqüência aos acontecimentos que marcaram a história de Paraiburgo. O texto publicado no domingo, 27 de outubro de 1968, traça novamente um retrato bem-humorado da cidade, fazendo críticas aos seus personagens e instituições. Mesmo havendo uma ordem na apresentação dos trabalhos e alguma unicidade em termos dos temas tratados, cada autor mantém independência no que escreve.

Paraiburgo, além dos Clubes Rotativos e dos Tigres e da Frente Comercial⁴⁰, possuía o Instituto Antológico e Coreográfico⁴¹, fora as organizações

³⁵ Cautimar Itec é o personagem baseado no então prefeito de Juiz de Fora, Itamar Franco.

³⁶ Durango Mot é o personagem baseado no advogado Mauro Motta Durante, assessor direto de Itamar Franco.

³⁷ Referência ao nome do edifício, onde ficava a sede do Núcleo Mineiro de Escritores – NUME.

³⁸ Entre os “marginais” alguns nos relataram ser esta uma referência à rua mais famosa de Juiz de Fora, a rua [Henrique] Halfeld, outros disseram ser uma referência à rua Henrique Vaz, a mais popular da vida boêmia, na época.

³⁹ NETTO, José Paulo. Crônica da agitação em Paraiburgo (título original: A queda de Cautimar Itec e sua infausta sorte, ocorrida a 25 de outubro de 1817). *Palimpsestos Marginais (III)*. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.618, 29 e 30 set. 1968. Suplemento *Arte e Literatura*, p.2.

⁴⁰ Referência aos Rotary e Lions Clubs, muito populares à época.

⁴¹ Referência ao Instituto Histórico e Geográfico, reduto dos “oficiais”.

menores. Diante desta sombra assombrosa de organizações Paraiburgo só tinha a orgulhar-se. Era, sem dúvida, uma cidade organizada. Por detrás das aparências “um espectro ronda”...Paraiburgo – o espectro dos marginais. Todas as potências da velha Paraiburgo uniram-se numa Santa Aliança Municipal para exorcismá-lo (sic): o Alcaide, Antônio Olinda e John Charles, os tropicalistas de terreiro e os membros da B.A.E.P.E.N.D.I.⁴²

O quinto episódio dos *Palimpsestos Marginais* é escrito por José Cláudio Botelho. *Concrecinismo paraiburguês* é publicado na edição dos dias 17 e 18 de novembro de 1968. O texto mantém o tom irreverente e as críticas à cultura local, em especial aos eventos organizados pelos trovadores da cidade, entre os quais, os Jogos Florais, muito populares nesta época. Neste, como nos outros textos dos *Palimpsestos*, torna-se muitas vezes difícil a identificação dos personagens citados. O autor explica que, na época, por medo de represálias, o grupo dos “marginais” costumava lançar mão de uma linguagem cifrada, que nem sempre permitia a identificação imediata. Hoje, nesta releitura dos textos, recorreremos, dentro do possível, à memória dos seus autores para desvendar aspectos pouco compreensíveis dentro do diferente contexto de época⁴³.

A quintosseqüência (sic) dos achados paraiburguenses aqui se acha. A ela: datando desta (...) outrora houve senhores que ao trabalho se deram de alevantar esta terra e, antes de mais nada, o vosso bom nome. Estes homens de negócio, letras (alguns sabiam ler e escrever o próprio nome), música (alguns batiam atabaque em dia de macumba), artes em geral (e eram muitos os entendedores de assuntos gerais), arranjos, ah!, nessa especialidade a maioria se encarregava. Em arranjos, todos se arranjavam...Certa vez, depois de muito trá-lá-lá, organizaram uns encontros que a plebe muito bom achou, não participava, apoiava sem ver... Reuniram-se todos os lavradores da Zona da Madeira para, numa diocese, amolar sua enxadas e picaretas(!), porquanto o mês das águas (suas) vem aí...⁴⁴.

E é o então estudante de teatro, Nilo Batista, que faz a sexta e última tradução dos *Palimpsestos Marginais*. O texto é escrito como uma trova, isto é, com rimas. A linguagem é empolada, nada coloquial. Nilo Batista satiriza o prefeito e o secretário de Educação, denuncia a falta de investimentos na área de cultura e critica as soluções que o “alcaide” oferece para os problemas dos seus súditos, concluindo, de forma pouco esperançosa, que a cidade não vai mudar e que aquilo que ainda o prende a ela é apenas o “amor”, “à medida que

⁴² MALTA, Eugênio. O último dia de Norberto Medalha e sua “gang” – narrativa. *Palimpsestos Marginais* (IV). *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n.16.642, 27 e 28 out. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p.2.

⁴³ Além disso, deve-se ressaltar que a leitura dos originais impõe dificuldades, pelo fato de nem todos os exemplares encontrados na Biblioteca e no Arquivo Municipal estarem nas condições ideais de conservação e também pelas confusões advindas do sistema de montagem do texto nas velhas linotipos, que provocava muitos erros na impressão final.

⁴⁴ BOTELHO, José Cláudio. *Concrecinismo paraiburguês*. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n.16.659, 17 e 18 nov. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p. 2.

os laços se rompiam, sobrava o gostar dela assim sem ilusões”. O texto é publicado no suplemento dos dias 24 e 25 de novembro.

Cena IV

(Na sala de audiências da Alcaidia (sic), entram Maurílio Himmler⁴⁵ e dois áulicos)

HIMMLER (ao alcaide)

Senhor, tenho pensado longa e atentamente
Na educação de nossa estulta e parva gente
E sem me pretender um sábio neste assunto
(Posto que em seu estudo fundiu-me o bestunto)
Posso lhe anunciar a solução final.

ALCAIDE

E então?

HIMMLER

A solução para este grande mal
É a escola primária – a escola primária!
Um pouco de burrice (a dose necessária
para fazer eleitores), fica inalterada
Só com a escola primária. Apenas saber ler
Compõe à perfeição quem vai nos eleger⁴⁶.

Pós-Palimpsestos

Os *Palimpsestos Marginais* provocaram várias reações na cidade, muitas delas de indignação. “Enquanto a discussão era apenas programática, não tinha nenhuma reação, quando a gente começou a dizer que não tinha políticas públicas, que não tinha espaço público”⁴⁷, aí sim, começaram as reações especialmente do poder municipal. Os “marginais” continuaram sua colaboração semanal junto ao *Diário Mercantil*, por mais alguns meses. Finalmente, na edição de 5 e 6 de outubro de 1969, José Paulo Netto faz uma despedida temporária aos leitores, fazendo um balanço de 27 meses de trabalho com cerca de 90 contribuições publicadas:

Para nós, um veículo desta espécie não pode ter como função o incenso e o badalo, nem tampouco o mero registro dos feitos (mal feitos)

⁴⁵ Referência a Murílio Hingel, então secretário de Educação da Prefeitura Municipal. Hoje, alguns dos marginais fazem uma auto-crítica com relação à adoção de nomes depreciativos como este, que faz uma associação entre Hingel e Himmler, conhecido prócere do regime nazista.

⁴⁶ BATISTA, Nilo. Fragmentos e compilação de excertos de uma narração e uma comédia que encontradas foram. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.659, 17 e 18 nov. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p. 2.

⁴⁷ Os trechos da fala de Nilo Batista foram retirados da entrevista realizada em 13 dez. 2005.

intelectualóides da província. Sempre pensamos que um suplemento, das condições deste, para justificar sua existência, teria que se apresentar como órgão combativo, desmistificador, acentuadamente crítico e seriamente informativo.

Em nossas contribuições, não poupamos a picaretagem intelectual e vigarice institucionalizada; fomos impiedosos para com o ESTABLISHMENT e seus representantes, quer os de casaca, quer os de cueca. Algumas vezes, talvez, chegamos ao exagero, e até mesmo ao equívoco, mas jamais entramos no cambalacho do silêncio e da omissão, apanágio do país dos amordaçados⁴⁸.

Ao avaliar o que representaram os *Manifestos Palimpsestos*, há quase quarenta anos atrás, o tradutor Luiz Sérgio Henriques⁴⁹ tem a clareza de reconhecer que, sob alguns aspectos, quando desnudaram o governo Itamar Franco, os “marginais” bateram no alvo mais fácil, e isso talvez até mesmo tenha deixado a direita calada, já que o prefeito de oposição era quem ficava exposto.

Naquele momento, Juiz de Fora era uma cidade do MDB, do Itamar Franco, então, talvez, aquela rebeldia juvenil direcionada contra tudo atingisse o alvo mais fácil. O Itamar era um governante civil. Não que o Itamar não tenha seu lado ridículo, como todos nós temos, e não devesse ser criticado, não. Mas talvez como fosse muito complicado você atacar o general de plantão, o gorila de plantão, então, talvez a ironia fosse muito contra o Maurílio Himmler. [...] Eles suportaram uma carga pesada de ironias de uma juventude que estava sufocada, massacrada por uma ditadura, e eles suportaram o alvo, porque era um alvo fácil. Um alvo que não prendia, nem batia⁵⁰.

Conclusões

Apesar do discurso da grande imprensa ser um discurso comprometido com os interesses políticos e econômicos do poder, existem brechas, através das quais um discurso periférico pode subverter as regras do espaço dominante.

Em Juiz de Fora, um grupo de estudantes e intelectuais, pela apropriação do espaço de um grande jornal, romperam com a ordem pré-estabelecida pelas elites políticas, econômicas e culturais, fazendo do suplemento de cultura um lugar de resistência para pensar a cidade, incorporando vozes marginais e dissonantes ao discurso hegemônico, permitindo a sobrevivência da diversidade e a instauração de uma nova relação de forças no espaço público, que vai resultar, em formas inovadoras de exercer a cidadania, com a formação, entre

⁴⁸ NETTO, José Paulo. Uma despedida temporária. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVIII, n. 16.927, 5 e 6 out. 1969. Suplemento Arte e Literatura, p. 2.

⁴⁹ Quadro do PCB, ele escreveu ao lado de J.P. Netto e Gilvan P. Ribeiro, nos anos 70.

⁵⁰ Os trechos das falas de Luiz Sérgio Henriques foram retirados da entrevista realizada no dia 25 out. 2005.

outros, na década de 70, de grupos ligados à preservação do patrimônio histórico, à ecologia e aos direitos das minorias, além de veículos alternativos de comunicação.

Referências bibliográficas

BATISTA, Nilo. Carta a José Paulo. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, 21 e 22 jan. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p. 2.

_____. O espetáculo do esclarecimento – proposição ao I Congresso Marginal. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.442, 3 e 4 mar. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p.3.

_____. E agora, José? *Diário Mercantil*, ano LVII, n. 16.477, 14 e 15 abr. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p. 2.

_____. Fragmentos e compilação de excertos de uma narração e uma comédia que encontradas foram. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.659, 17 e 18 nov. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p.2.

BOTELHO, José Cláudio. Concrecinismo paraiburguês. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n.16.659, 17 e 18 nov. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p. 2.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem* – a nova poesia no debate cultural 60/70. Tese de doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

MALTA, Eugênio. O último dia de Norberto Medalha e sua “gang” – narrativa. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n.16.642, 27 e 28 out. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p.2.

MEDEIROS, Rogério Bitarelli et al. Pequena introdução à história de Paraiburgo. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.589, 25 e 26 ago. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p. 3.

_____. Roteiro de uma balada fordiana num povoado sem western. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.589, 25 e 26 ago. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p.3.

NETTO, José Paulo. J.F., 1967: Cultura/Arte em questão. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, 21 e 22 jan. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p. 3.

_____. Bilhete-resposta a Nilo Batista. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.420, 4 e 5 fev. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p.3.

_____, BATISTA, Nilo. Esboço para um manifesto marginal. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.426, 11 e 12 fev. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p. 3.

_____. Balancete necessário. *Diário Mercantil*, ano LVII, n. 16.472, 7 e 8 abr. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p.2.

_____. Crônica da agitação em Paraiburgo (título original: A queda de Cautimar Itac e sua infausta sorte, ocorrida a 25 de outubro de 1817). *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.618, 29 e 30 set. 1968. Suplemento Arte e Literatura, p.2.

RIBEIRO, Gilvan Procópio. Mensagem do cronista mor a sua alteza imperial, em que são relatados os maravilhosos e não previstos fatos que ocorreram na imperial cidade de Paraiburgo. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, ano LVII, n. 16.606, 15 e 16 set. 1968. Suplemento Arte e Literatura. p.2.

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

